

Turismo no Pantanal/MS: a difícil retomada entre pandemia e queimadas

Sabrina Sales Araújo* Álvaro Banducci Júnior**
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil)

Resumo: Com a pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, o turismo foi uma das áreas mais atingidas pelas medidas de distanciamento social no mundo. No Brasil, o poder público criou programas para mitigar os efeitos econômicos negativos previstos, mas em muitos casos, como no Pantanal de Mato Grosso do Sul (Pantanal Sul), a efetividade de tais ações para a economia e para a vida da população que ali vive e trabalha no setor ainda precisa ser apurada. Nessa região, a pandemia foi vivenciada em um contexto singular de forte estiagem e de queimadas intensas que tornaram a situação ainda mais complexa e caótica. Com base em pesquisa em sites de notícias, dados oficiais, artigos e dados de uma breve incursão etnográfica em pousadas turísticas locais, apresenta-se como a pandemia atingiu a população e como tem sido a retomada das atividades na região. Embora as ações governamentais relacionadas à Covid-19 tenham reduzido os impactos econômicos, não garantiram a paralisação total do setor. Ademais, a retomada precipitada combinada a outros fatores como a seca e as queimadas, colocaram a população pantaneira em risco.

Palavras-chave: Covid-19; Turismo; Queimadas; Pantanal; Mato Grosso do Sul.

Turism in Pantanal/MS: a difficult recovery between pandemic and wild fires

Abstract: With the Covid-19 pandemic that started in 2020, tourism was one of the hardest hit areas by social distancing measures in the world. In Brazil, the government created programs to mitigate the predicted negative economic effects, but in many cases, such as in the Pantanal of Mato Grosso do Sul (Pantanal Sul), the effectiveness of such actions for the economy and for the life of the population that lives there and works in the sector, still needs to be investigated. Based on research on news sites, official data, articles, and data from a brief ethnographic incursion into local tourist inns, this article presents how the pandemic affected the population and how the resumption of activities in the region has been. Although the actions have reduced the economic impacts, they did not guarantee the total stoppage of the sector, and the hasty resumption, together with other factors such as drought and fires, put the Pantanal population at risk.

Keywords: Covid-19; Tourism; Wild Fires; Pantanal; Mato Grosso do Sul.

1. Introdução

Nos últimos anos, o Pantanal, extensa planície alagável na divisa do Brasil com a Bolívia e o Paraguai, tem experimentado uma drástica redução no volume de chuvas sazonais, o que tem tornado o território propício ao efeito das queimadas. Em 2020, as chamas se alastraram e ganharam proporções catastróficas, quando cerca de 30% do bioma foi queimado, atingindo gravemente a fauna, a flora e afetando a vida e a saúde das populações que nele habitam. Nesse período o mundo assistiu à ampliação da circulação do vírus SARS-COV-2, causador da Covid-19 que rapidamente se alastrou por entre os países e continentes, sendo reconhecida em 11 de março pela Organização Mundial da Saúde – OMS como uma pandemia, o que a fez estabelecer estado de emergência global e inaugurar uma série de medidas de controle para a redução da proliferação do vírus.

* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil); <https://orcid.org/0000-0003-3896-2195>; E-mail: sabrinaraujosales@gmail.com

** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil); <https://orcid.org/0000-0003-3984-3067>; E-mail: banducci@uol.com.br

Cite: Araújo, Sabrina Sales & Júnior, Álvaro B. (2025). Turismo no Pantanal/MS: a difícil retomada entre pandemia e queimadas. *Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 23(2), 481-492. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2025.23.032>.

A velocidade em que se deu a transmissão do vírus em escala mundial resulta e expressa o grau de globalização em que vivemos. Contínua e intensamente mercadorias, dinheiro, ideias, informações e pessoas têm circulado movidas por diferentes propósitos, incluindo o da prática do turismo, que se tornou um possível e preocupante vetor de proliferação do vírus em escala global, tendo em vista ser uma atividade que promove o trânsito e o contato intensos entre pessoas de diferentes partes do mundo.

Para Cruz (2021), o turismo estabelece uma relação dialética com as pandemias pois ao passo em que contribui para o processo de transmissão é também um setor duramente impactado por elas. Contudo, ainda que se reconheça o seu papel em pandemias desde o século XVIII, quando o turismo como uma nova modalidade de viagem surge (Urry, 1996; Rodrigues, 2011; Pinto, 2020), foi apenas com a Covid-19 que o turismo de massa – principal forma de organização do turismo – se deparou com uma pandemia de grandes proporções.

Desde a instauração da pandemia, houve redução de muitos postos de trabalho afetando negativamente a vida de milhares de pessoas que dependem do setor de serviços turísticos. Mas os efeitos da pandemia são sentidos de formas diferentes, conforme a região e o grau de dependência da renda advinda desse setor em cada localidade. De acordo com Cruz (2021), no Brasil:

É possível reconhecer, por outro lado, a profunda desigualdade territorial existente no país e a forte concentração espacial da atividade turística no território brasileiro, fazendo-se necessário ponderar que os efeitos da crise no setor são e serão sentidos de forma diferenciada por regiões e lugares, destacando-se entre os mais atingidos aqueles com uma maior taxa de dependência econômica da atividade (p. 8).

Desta forma, este artigo objetiva analisar os impactos da pandemia no Pantanal Sul, localizado em Mato Grosso do Sul, que possui regiões onde grande parte da população produz renda com base na prestação de serviços turísticos, principalmente no turismo de pesca e no ecoturismo¹, entre os quais estão alguns locais de difícil acesso, onde se encontram comunidades ribeirinhas que foram duramente afetadas não apenas pela pandemia, mas por um conjunto de eventos, como a estiagem e as queimadas, que tornaram a sua situação especialmente dramática no período em que vigoraram as recomendações e imposições de isolamento social.

Para analisar a situação nesses locais e compreender também como neles tem acontecido a retomada das atividades turísticas, optou-se por buscar notícias em sites oficiais do governo do estado e das prefeituras de municípios localizados no Pantanal, bem como sites de notícias locais, relatórios de organizações não governamentais – ONG's, relatórios oficiais como os do Observatório do Turismo de Mato Grosso do Sul, decretos estaduais e municipais, bem como outros artigos que têm como tema a Covid-19 e o turismo na mesma região ou em regiões próximas. Por fim, realizou-se também uma curta incursão etnográfica, de quinze dias, em outubro de 2021, durante a qual visitou-se quatro pousadas de ecoturismo, na sub-região do Abobral, com acesso via Estrada-Parque Pantanal². Nesse período foi possível acompanhar brevemente o retorno das atividades turísticas nesse segmento e conversar com guias de turismo e com proprietários de pousadas.

Identificou-se a dramática situação que muitas comunidades ribeirinhas, altamente dependentes da prestação de serviços turísticos, vivenciaram durante a pandemia, que reduziu a chegada de turistas e a demanda por seus serviços, tornando-os dependentes de benefícios do setor público e de entidades civis. Do governo federal, receberam o Auxílio Emergencial, porém, tiveram dificuldade, em muitos casos, para acessar o recurso. Da mesma forma, ficaram dependentes de auxílio advindo de ações locais das prefeituras e de organizações não governamentais, como a doação de cestas básicas e produtos de higiene. Outra importante constatação refere-se ao fato de que embora tenha ocorrido forte redução no número de turistas, a pesca esportiva não chegou a ser totalmente paralisada, e assim, se por um lado aliviou as dificuldades financeiras de alguns trabalhadores do setor, por outro, fez com que, por falta de opção, se arriscassem no exercício do trabalho turístico, quando deveriam ter suas necessidades garantidas para que pudessem permanecer em isolamento social.

A retomada do turismo em Mato Grosso do Sul foi fortemente influenciada pelo governo estadual, que investiu maciçamente em campanhas de divulgação, principalmente a partir de 2021. No entanto, a autorização para a retomada das atividades turísticas desde o segundo semestre de 2020, quando a vacinação no Brasil estava em seu início, aponta para a priorização das preocupações econômicas em detrimento à saúde da população que, sem muitas alternativas, foi exposta ao risco de infecção em um período em que a vacinação não atingia contingente expressivo de pessoas.

Diferentemente do turismo de pesca, no Pantanal, o ecoturismo enfrentou maiores dificuldades para retomar as atividades em nível próximo ao do período pré-pandêmico. Apesar do ecoturismo ser um nicho que atende a demanda por atividades ao ar livre e contato com a natureza, que caracteriza uma das

principais tendências da retomada do turismo (Siqueira, Muller & Silva, 2022; Silva, Borges & John, 2022), o fato de lidar majoritariamente com público estrangeiro, mais receoso de empreender viagens de grandes distâncias e a regiões com pouca estrutura de cuidados à saúde, como ocorre no Pantanal, explica de algum modo a morosidade na retomada do ecoturismo pantaneiro. Nesse momento, o que prevaleceu foi o turismo intrarregional e de curta distância, que contou principalmente com os visitantes provenientes do próprio estado de Mato Grosso do Sul e de estados vizinhos, sobretudo de São Paulo e da região sul do Brasil, como observado nas visitas às pousadas. A partir de março de 2022, a reprise da novela televisiva Pantanal, lançada pela Rede Globo, contribuiu para o aumento da procura do Pantanal como um destino turístico.

2. A Pandemia no Brasil e no Pantanal Sul

A Covid-19 já preocupava o mundo nos primeiros meses de 2020, momento em que o Brasil recebe comumente um grande contingente de turistas em decorrência do verão e do Carnaval. No país, esse período é de suma importância para a soma e composição dos cerca de 8,1% do Produto Interno Bruto-PIB produzido pelo setor de turismo, e que emprega cerca de 7 milhões de pessoas direta ou indiretamente (Agência Brasil, 2020).

A partir do dia 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso de infecção pelo vírus no Brasil chegou ao conhecimento público. Nos meses seguintes, os governos estaduais tomaram, de forma autônoma, as primeiras medidas sanitárias visando o isolamento da população, como o fechamento do comércio não essencial, de escolas, a proibição de eventos públicos, o fechamento de aeroportos e rodoviárias, entre outras ações. O setor turístico foi então duramente atingido por essas medidas. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, no primeiro semestre de 2020, em comparação ao ano anterior, a receita cambial turística acumulou queda de 37%, o saldo entre contratações e demissões no setor foi negativo e o faturamento das atividades turísticas teve retração de 37,9% (Agência Brasil, 2020).

Em Mato Grosso do Sul, os primeiros casos de Covid-19 foram registrados em 14 de março, na capital, Campo Grande. No dia 16 de março de 2020, o governo do estado publicou o decreto n. 15. 391, estabelecendo novas regras para a contenção do coronavírus na região. Entre as determinações estava a suspensão de atividades e eventos coletivos pelos órgãos do governo (Mato Grosso do Sul (MS), 2020). Na segunda quinzena do mês, a Assembleia Legislativa decretou estado de calamidade válido até dezembro daquele ano, e uma das principais medidas tomadas foi a instalação de controle sanitário no aeroporto internacional da Campo Grande (Ribeiro; Gonçalves & Oliveira, 2021, p. 6).

De acordo Novaes et al. (2021) o estado de Mato Grosso do Sul é subdividido em nove regiões turísticas e, entre elas, há dois polos principais que recebem maior fluxo de turistas e são, consequentemente, mais dependentes economicamente do setor: o Pantanal, principalmente nos municípios de Corumbá, Aquidauana, Miranda; e Bonito/Serra da Bodoquena, com destaque aos municípios de Bonito, Jardim e Bodoquena. Nessas regiões, os principais segmentos turísticos são o turismo de pesca esportiva e o ecoturismo.

Nesses municípios, os primeiros casos de Covid-19 só foram registrados a partir do mês de abril de 2020, mesmo com as medidas sanitárias adotadas no principal aeroporto do estado desde o mês de março. A presença do vírus nessas e em outras cidades menores, indicaram um processo de interiorização da pandemia. Ao final de julho, apesar de vários casos, os únicos dois confirmados de morte pelo vírus ocorreram em Corumbá (Novaes et al., 2021, p. 73).

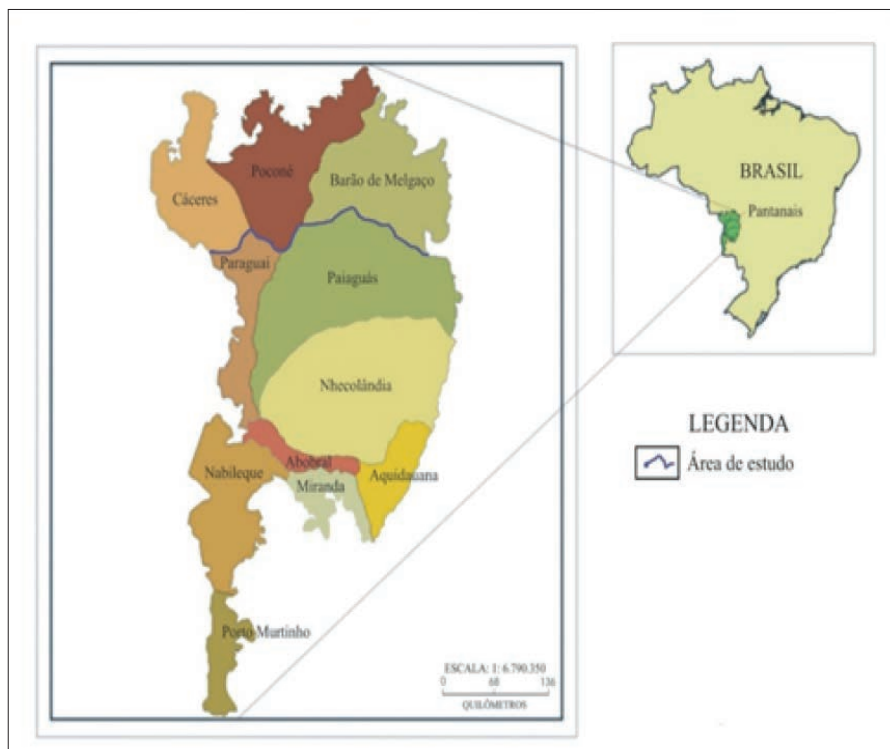
3. Estiagem, queimadas, pandemia e as populações dependentes do turismo no Pantanal Sul

O Pantanal, maior planície alagável do planeta, é uma área de mais de 138 quilômetros quadrados de extensão, presente em território boliviano, paraguaio e no território brasileiro, onde abrange parte dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Este último, abriga a maior porção do bioma (64, 64%), sendo conhecido como Pantanal Sul (Ribeiro, 2018). O Pantanal é comumente dividido em 11 sub-regiões em decorrência das características geográficas que as diferenciam, são elas: Cáceres, Poconé e Barão de Melgaço, em Mato Grosso; Paiaguás, Paraguai, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho, em Mato Grosso do Sul (Silva & Abdon, 1998).

Algumas dessas regiões como Aquidauana, Corumbá e Miranda têm o turismo como uma de suas atividades econômicas mais importantes, sobretudo o turismo de pesca esportiva, principal segmento praticado na região. Elas recebem maior contingente de turistas brasileiros e estrangeiros no estado (Ribeiro; Gonçalves; & Oliveira, 2021, p. 5), sendo uma alternativa de emprego e renda para parcela significativa da população.

Em regiões de difícil acesso no município de Corumbá há comunidades, como os Guató, indígenas que habitam principalmente a Ilha Ínsua³, a comunidade da Barra do São Lourenço, do Amolar e do Castelo, compostas, em sua maioria, por ribeirinhos que praticam a pesca de subsistência, a pequena produção agrícola e o extrativismo, para as quais o turismo, sobretudo o da pesca, mediante atividades como pilotagem de barcos, captura de iscas⁴ e guias, aparece como fonte primária ou complementar de trabalho e renda. O conhecimento que detêm do ambiente pantaneiro, do comportamento da fauna e da flora, além dos humores do clima, são os diferenciais que lhes garante espaço no mercado turístico. Os ranchos e hotéis construídos na região também abrem postos de trabalho para as mulheres que neles atuam como cozinheiras, lavadeiras, camareiras, gerentes, entre outras funções (Bortolotto; Amorozo, 2012).

Figura 1: Sub-regiões do Pantanal.



Fonte: (ARAÚJO, 2006).

Ao longo da Estrada-parque, na sub-região do Abobral, zona rural do município de Corumbá, verifica-se expressiva concentração de estrutura e oferta de serviços turísticos em razão de haver nessa área inúmeros atrativos e de ser região de fácil acesso, prevalecendo ali o ecoturismo e o turismo rural (ARAÚJO, 2006). Há nesse trecho quatro pousadas, instaladas em antigas fazendas de produção de gado, que desenvolvem o turismo como atividade principal ou de forma complementar à atividade pecuária. Em seus folhetins, sites e demais plataformas de comunicação, essas pousadas valorizam a proximidade e conexão com a natureza, com os animais silvestres, com os sons, cheiros e sabores do Pantanal. Nelas, foram realizadas visitas ao longo de quinze dias, no mês de outubro de 2021, quando foi possível conversar com turistas e entrevistar alguns guias de turismo e proprietários das pousadas.

Entre os anos de 2019 e 2020, conforme mencionado anteriormente, a região enfrentou uma drástica redução na precipitação pluviométrica, ao mesmo tempo em que sofreu com a maior incidência de queimadas já registrada, seja por causas naturais ou provocadas pelo homem (Ikeda-Castrillon et al, 2022: 12). Os incêndios foram estimados em 4,5 milhões de hectares, cerca de 30% do bioma, o que provocou a perda de infraestrutura indispensável para o deslocamento de moradores e para a chegada de serviços

públicos e de turistas, como é o caso das pontes de madeira (Ribeiro, Gonçalves & Oliveira, 2021), além da perda de vegetação, de roças, de plantas de uso medicinal, de incontável número de animais de diferentes espécies, causando fome para os que sobreviveram, e da aproximação forçada entre animais silvestres e comunidades ribeirinhas – cujos efeitos são pouco estudados e conhecidos. Da mesma forma, as queimadas desencadearam traumas e distúrbios psicológicos, a fome humana, além de condições favoráveis para a disseminação de patógenos virais, fúngicos e infecciosos, que podem causar doenças (Oliveira et al, 2024: 3).

Em nota técnica produzida pela Fiocruz a respeito da Covid-19 e das queimadas na Amazônia Legal e Pantanal, as regiões pantaneiras que sofreram com a estiagem, e por isso as mais propensas às queimadas, foram as identificadas como de maior vulnerabilidade à Covid-19. A fumaça e a estiagem são responsáveis por infecções e outros problemas respiratórios que resultam na ocupação de leitos hospitalares em locais onde a cobertura de saúde, sobretudo de alta complexidade, tende a ser mais precária, e em um momento no qual a rede de saúde se encontra sobrecarregada, levando à disputa desesperada por vagas. Ademais, a nota pontuou que as queimadas florestais emitem uma ampla gama de poluentes no ar e gases de efeito estufa que são comumente relacionados à elevada concentração de material particulado fino na atmosfera, gerando grandes quantidades de compostos orgânicos com potencial tóxico e carcinogênico, propagados por longas distâncias por meio da fumaça (Fiocruz, 2021).

Para que ocorra, o turismo, sobretudo na modalidade de ecoturismo, demanda boas condições ambientais e a possibilidade de livre deslocamento e contato humano, fatores que ficaram inviabilizados diante de um cenário composto por forte estiagem, queimadas e pandemia.

Em 27 março de 2020, em pleno período da pandemia, a Organização Não Governamental - ONG ECOA - Ecologia e Ação, que atua em projetos com comunidades ribeirinhas pantaneiras, enviou carta às autoridades informando e pressionando por medidas emergenciais voltadas às comunidades do Pantanal frente à Covid -19. Na carta, chamou a atenção para o fato de que o turismo de pesca na região, o principal meio de sobrevivência direta e indireta de centenas de famílias, estava paralisado, tendo como agravante o fato de que o período de defeso – quando a pesca fica proibida no estado em razão da reprodução dos peixes – recém havia se encerrado, e o seguro defeso, a que os pescadores têm direito durante esse período, ainda não havia sido pago. Para a entidade, era urgente o imediato acompanhamento dos grupos mais vulneráveis, sobretudo os que dependiam direta e indiretamente do turismo até que houvesse uma solução para a crise (Amiden, 2020).

Essa instituição seguiu realizando junto às prefeituras, outras ONG's e em parceria com algumas empresas, serviços de atendimento de saúde, divulgação de informações e doação de alimentos e itens de higiene às comunidades pantaneiras (Luiza, 2021; Amiden, 2020; Amiden, 2021).

O governo federal sancionou, em 7 de julho de 2020, a Lei n. 14.021 que criava o Plano Emergencial de proteção social para prevenção do contágio e da disseminação da Covid-19 nos territórios indígenas, nas comunidades quilombolas, para pescadores artesanais e os demais povos e comunidades tradicionais, considerando-os populações de extrema vulnerabilidade social (Brasil, 2020b). No plano emergencial, um dos termos tratava da garantia da segurança alimentar e nutricional desses povos, bem como materiais de saúde, higiene e desinfecção enquanto durasse o estado de calamidade pública decretado pelo Congresso Nacional no dia 18 de março de 2020, com validade até 31 de dezembro de 2020.

Contudo, a ECOA lançou um relatório de acompanhamento de quinze comunidades tradicionais pantaneiras em agosto de 2020 indicando que:

A renda das famílias, que está em torno de 1 a 2 salários mínimos, caiu drasticamente, chegando a nenhuma em boa parte dos casos, pois suas principais fontes de recurso financeiro, atribuídos majoritariamente às atividades ligadas à economia da pesca, foram diretamente impactadas. No Pantanal, as principais atividades econômicas incidem sobre o turismo e as comunidades locais oferecem serviços para o turismo de pesca, como pilotagem de barcos, venda de iscas vivas, guias de roteiros turísticos e venda de produtos da sociobiodiversidade local, foram diretamente impactadas com o fechamento da atividade em decorrência da pandemia. (EOCA – Ecologia & Ação, 2020: 3).

O documento sinalizou ainda outros agravantes, tais como: a severidade climática da maior seca dos últimos 50 anos, reduzindo a quantidade de peixes nos rios, a principal fonte de proteína das comunidades ribeirinhas, e o recorde histórico de incêndios florestais que contribuíram para tornar o cenário das comunidades pantaneiras ainda mais drástico. Por fim, outras condições como a dificuldade de acesso às comunidades, a falta de informação sobre a pandemia, a dificuldade de locomoção até as cidades próximas para a compra de alimentos e remédios, para o acesso ao Auxílio Emergencial, ao seguro defeso ou para casos de emergência de saúde, em razão da redução da disponibilidade de transportes - seja por causa da seca que inviabilizou

percursos de barco pelos rios pantaneiros, ou outros meios de transporte prejudicados pelas medidas de distanciamento social -, colocam em evidência o quanto as especificidades do bioma e das condições climáticas, lançaram essas populações a condições de extrema vulnerabilidade no contexto pandêmico.

Apesar do Auxílio Emergencial⁵ ter sido disponibilizado e utilizado por 81% dos entrevistados pela ECOA, eles relataram uma série de dificuldades para acessá-lo, como a falta ou a instabilidade do serviço de internet na região, para o cadastro e para receber informações confiáveis sobre o programa, ou ainda devido aos impeditivos burocráticos e de locomoção para os centros urbanos para fazer o saque do benefício. As filias das agências também foram pontos identificados no documento como fator dificultador, evidenciando o perigo que este fator apresenta no contexto pandêmico.

Diante do complexo quadro apresentado e das projeções dos efeitos das mudanças climáticas como o aumento de temperaturas e estiagens prolongadas (Grimm et al, 2018, apud Ribeiro, Alcântara & Sampaio, 2024: 7), é necessário que esses dados e as evidências que deles decorrem sobre os intensos impactos e vulnerabilidades que causam à vida das populações que habitam o Pantanal, subsidiem estudos, planos e ações de prevenção e de redução de danos na região, bem como o planejamento do setor turístico, a fim de dar suporte a trabalhadores e trabalhadoras do setor quando em situações adversas e de calamidade.

4. O impacto no fluxo de turistas e na demanda por serviços turísticos

Os impactos sociais e econômicos foram dos mais significativos para as populações ribeirinhas. Em sua pesquisa com lideranças de comunidades locais, em 2020, a ECOA relata que houve redução estimada de 70% do fluxo de turistas, impactando drasticamente a venda de iscas. Serviços como o de pilotagem de barco, outra importante fonte de renda, ficaram comprometidos tanto pela redução de turistas, quanto pela impossibilidade de navegação em razão da seca. Houve ainda muitas demissões de empregos formais de familiares que não exercem atividade tradicional e que contribuíam para a renda familiar. Assim, as populações ribeirinhas, perderam no período as suas principais fontes de renda, sofreram pela insegurança alimentar e pela fome, e vivenciaram o dilema entre ter que preservar a saúde e trabalhar para garantir sua subsistência, mesmo em condições extremamente desfavoráveis (ECOA – Ecologia & Ação, 2020).

De acordo com uma investigação sobre os efeitos da pandemia para o setor de Turismo, realizada pelo Observatório do Turismo de Mato Grosso do Sul, em abril de 2020, o impacto econômico negativo dos empreendimentos foi de até 75% na maioria dos casos. A pesquisa analisou um universo de mais de 400 respondentes online, contando com empresas de hospedagem, restaurantes, transportadoras, agências, guias de turismo, agências de eventos, entre outros. (Observatório do Turismo de MS, 2020).

Um levantamento realizado pelo projeto “Turismo em tempos de pandemia: uma análise multi e trans-escalar” (2021), que conta com pesquisadores/as representantes de vários estados brasileiros e de outros países, e que analisou os impactos no setor em Mato Grosso do Sul, constatou que durante a pandemia, em todo o estado, 289 empresas do setor turístico, sobretudo as relacionadas à alimentação e à hospedagem, que em sua maioria são pequenas e médias empresas, encerraram as atividades. Trata-se de mais de 50% em relação ao ano de 2019 (Novaes et al., 2021). No que diz respeito ao emprego, de modo geral, a pandemia intensificou o número de desligamentos e reduziu o número de admissões (Novaes et al., 2021).

No período pandêmico, eventos importantes do calendário turístico estadual foram cancelados, como o Festival de Inverno de Bonito e a festa de São João de Corumbá (Novaes et al., 2021). No primeiro semestre de 2020, somente o Carnaval foi mantido na cidade de Corumbá, quando a pandemia não havia se instalado oficialmente no Brasil. A redução do fluxo turístico em Corumbá no primeiro trimestre de 2020 foi de apenas 1,57%, considerando ter se contabilizado o ingresso de turistas durante os festejos carnavalescos. Nessa cidade, no entanto, mesmo com a diminuição da circulação de pessoas pelos aeroportos e rodoviárias, a dinâmica turística durante a pandemia ocorreu de forma bastante particular, pois turistas provenientes do estado, cansados da reclusão involuntária, acorriam à cidade em veículos próprios para pernoitarem em campings ou pousadas pouco movimentadas e realizarem pequenos deslocamentos durante o dia em busca de um reencontro com o ambiente natural. (Ribeiro; Gonçalves & Oliveira, 2021: 9).

Situação semelhante observou-se em Bonito, município de extrema relevância para o empreendimento turístico na região, onde o turismo se manteve durante o primeiro semestre de 2021, ainda que com baixa taxa de ocupação, em decorrência do fluxo interno, sobretudo das cidades de Campo Grande e Dourados. Com isso, alguns empreendimentos conseguiram, a duras penas, sobreviver e manter o vínculo empregatícios de seus trabalhadores, porém, com custo social incalculável, haja vista o impacto desse fluxo na disseminação da Covid 19 e seu efeito sobre a saúde dos trabalhadores e da população da cidade como um todo (Ribeiro; Gonçalves & Oliveira, 2021: 9). Em seu relatório sobre o turismo e pandemia, a ECOA sinaliza para esse

fenômeno da *não* interrupção total das atividades do setor e denuncia falhas graves nas políticas públicas em garantir uma real suspensão das atividades a fim de privilegiar a saúde da população.

O governo do estado de Mato Grosso do Sul criou, em julho de 2021, o programa “Incentiva + MS”, para contemplar profissionais que atuam como guias de turismo e micro e pequenos empresários que tiveram prejuízos durante a pandemia. Esse programa previa o pagamento de seis parcelas de mil reais àqueles que estivessem dentro dos critérios do programa (Fundação de turismo MS, 2021). Contudo, no caso dos guias de turismo, além de um comprovante de cadastro no CADASTUR⁶, era necessário que comprovassem ter exercido a atividade entre 19 de março de 2019 e 19 de março de 2020. A mesma comprovação foi solicitada aos pequenos e microempreendedores, ou seja, guias e empreendedores há pouco tempo exercendo suas atividades ou sem documento de comprovação formal de seu exercício não se enquadraram nos critérios do programa e não foram por ele beneficiados. Ademais, no Pantanal, as relações de trabalho capitalistas convivem com resquícios de relações tradicionais e costumeiras, mantidas em proveito dos empregadores, caracterizadas pela informalidade ou como subemprego, não sendo incomum, sobretudo no ramo turístico, o acordo de pagamento de diárias aos trabalhadores sem a manutenção de vínculos empregatícios formais (Ribeiro, 2018).

A dificuldade de acesso às informações em lugares longínquos do Pantanal pode também ter sido um dos obstáculos ao benefício por parte dos trabalhadores do turismo. O “Incentiva + MS” fez parte de um pacote maior de ações lançado em junho de 2021, destinado à recuperação dos segmentos econômicos da cultura e do turismo denominado “Retomada MS”, visando atender guias de turismo, hotéis, restaurantes, entre outros empreendimentos ligados, direta e indiretamente, ao turismo e à cultura (Fundação de cultura MS, 2021). Outros programas e campanhas que o integraram serão abordados a seguir.

5. A retomada do turismo no Pantanal Sul

O governo do estado determinou o mês de julho de 2020 como marco inicial da retomada gradativa do turismo local, autorizando sua prática a partir dessa data (ECOIA – Ecologia & Ação, 2020). As famílias em situação de vulnerabilidade e que tinham na atividade turística a principal fonte de renda viram no retorno de serviços, tais como a venda de iscas vivas, a pilotagem de barco e o comércio de peixe, um indicador da recuperação da rotina dos trabalhos e dos meios necessários para suprir as carências impostas pela pandemia. Contudo, dos entrevistados na pesquisa realizada pela ONG Ecoa, apenas 30% afirmaram que conseguiram tirar renda suficiente para a subsistência do núcleo familiar (ECOIA – Ecologia & Ação, 2020).

No mesmo período, os números referentes às infecções e mortes pela Covid-19 em Mato Grosso do Sul aumentaram, apresentando um pico no mês de agosto (Rocha, 2020). Desse modo, as atividades turísticas que, vale lembrar, não tinham sido totalmente paralisadas no estado, tiveram seu retorno autorizado antes do Brasil iniciar a campanha nacional de vacinação, quando os números da pandemia no estado se agravavam e as populações em situação de vulnerabilidade, sem alternativas, ficaram expostas ao risco de contaminação.

Com o início da vacinação no Brasil nos primeiros meses de 2021, o horizonte do setor turístico se encheu de expectativas. Em 13 de fevereiro, o governo do estado noticiou na imprensa que o mercado de turismo de pesca voltava a aquecer em Mato Grosso do Sul (Gazeta News, 2021), o que gerou confiança nos/as empresários/as da rede hoteleira e de outros setores. Na mesma matéria, apontou que houve a suspensão completa das atividades turísticas por até quatro meses no primeiro semestre de 2020, tendo em seguida retomado timidamente seu curso em alguns destinos em agosto daquele mesmo ano (Gazeta News, 2021). Tal informação não corrobora com os fatos, como evidenciado por relatórios de pesquisa (ECOIA – Ecologia & Ação, 2020) e pelos dados etnográficos que serão apresentados adiante, que indicam que, em razão da drástica perda de renda, as populações ribeirinhas que vivem diretamente dos ganhos proporcionados pelo turismo continuaram, mesmo que de forma bastante restrita, ofertando os seus serviços e se expondo à Covid 19.

A reabertura da temporada de pesca no Mato Grosso do Sul, em 2021, contou com uma peça publicitária feita pela produtora Primeiro Plano Filmes para a Fundação de Turismo que foi premiada internacionalmente, levando o bronze no “Prêmio Lusófonos da Criatividade”⁷. A propaganda mostra um homem na garagem de sua casa com um objeto que simula uma vara de pesca, tentando pescar as chaves do seu carro por uma fresta na janela. A peça induz o espectador a associar o carro na garagem e as chaves dentro do automóvel à limitação da locomoção provocada pelo isolamento social e, além disso, o esforço por pegar as chaves anima no espectador as lembranças da pesca nos rios, induzindo o desejo de praticar a atividade (Araújo, 2021).

Apesar da reabertura respeitar o período de defeso, e iniciar oficialmente em março de 2021, foi nesse mês que a campanha de vacinação no Brasil começou a ser praticada de maneira mais sistemática. De acordo com dados do jornal Folha de São Paulo (2021), a cobertura vacinal na metade do mesmo mês no Brasil era de

apenas 4,8% da população vacinada com as duas doses. Vale lembrar que, no início da campanha, as vacinas eram ofertadas principalmente aos grupos de risco como os idosos e pessoas com comorbidades. Assim, ela colocou os trabalhadores do setor e os turistas em risco, principalmente ao considerar que com a seca e com as queimadas, os moradores locais, ficam mais vulneráveis a desenvolver doenças respiratórias, e, nos casos mais graves, a serem internados, concorrendo pelos leitos hospitalares com os casos de Covid-19 (Fiocruz, 2021).

O turismo de pesca é o principal segmento turístico no Pantanal Sul, mas não é o único e a perspectiva da vacina trouxe para o ecoturismo expectativas positivas. Em julho de 2020, a cidade de Bonito, área peri-pantaneira – que estabelece relações vitais com o Pantanal (Ribeiro; Gonçalves & Oliveira, 2021, p. 4) – que havia suspenso a prática turística entre os meses de março e junho, reabriu os pontos turísticos e a hotelaria com restrições, mediante a criação de protocolos de biossegurança específicos para cada atividade turística, o que levou ao reconhecimento internacional do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC) e à atribuição do selo “Safe Travel” (Veigas, 2021).

[...] em setembro, o fluxo [de turistas] voltou a aumentar consideravelmente, sobretudo no feriado da Independência do Brasil, no qual foi estimado mais de 10 mil pessoas em Bonito. O mês de setembro de 2020 (20.946 visitantes) superou o número de visitantes em comparação aos últimos cinco anos até mesmo o ano de 2016 (19.281 visitantes), que até então apresentava os maiores valores. Os meses de outubro (24.503 visitantes) e dezembro (23.822 visitantes) também superaram os cinco anos imediatamente anteriores, porém, no total acumulado, esses valores foram menores devido à paralisação total nos meses de abril, maio e junho; e a retomada lenta nos meses de julho e agosto (Oliveira et al, 2021: 91).

A retomada do turismo nessa cidade poderia ter repercutido no Pantanal, em razão de serem destinos vendidos em conjunto pelas agências de turismo, sendo que Bonito consta por vezes como um trecho de uma grande viagem, cujo destino principal é o Pantanal (Vargas, 2001: 144). Isso, porém, não aconteceu automaticamente. Em julho de 2021, o governo do estado lançou a campanha promocional de turismo regional denominada “Meu Estado, meu destino”, que tinha como objetivo atrair e motivar os sul mato-grossenses a viajarem dentro do próprio estado, conhecendo as belezas e os atrativos locais (Araújo, 2021b).

No mês seguinte, com o número de mortes e casos em queda em decorrência da cobertura vacinal no estado e no Brasil, o governo lançou a campanha “Desbravadores de destinos”. O vídeo da campanha foi divulgado em multiplataformas em inglês e espanhol visando o público internacional. Nele, tem-se a apresentação de paisagens e atividades turísticas em cenários como os de Bonito e do Pantanal com forte apelo às exuberâncias da natureza desses locais (Fernandes, 2021).

Em setembro de 2021, os resultados de todo esse empenho por parte do governo do estado, somado ao cenário positivo decorrente do alcance e efeitos da vacinação, pode ser sentido enfim pelo setor turístico do estado. O feriado prolongado do dia da Independência foi marcado, assim como em 2020, pela superação de expectativas. Em Bonito, por exemplo, as reservas chegaram a superar as do mesmo período em 2019, antes da pandemia, caracterizando um avanço no turismo interno (Enfoque MS, 2021). Contudo, tais resultados não se estenderam ao ecoturismo no Pantanal, ainda que no âmbito da pesca esportiva tenham sido notórios, pois trata-se de uma modalidade de turismo que possui fatores motivacionais próprios, tais como notícias sobre a piscosidade dos rios, retomada de rotina e tradição de lazer, entre outros.

Na pesquisa etnográfica, realizada na região do Pantanal do Abobral em outubro de 2021, onde há várias pousadas e ranchos voltados ao turismo de pesca e algumas pousadas de ecoturismo, ficou evidente o entusiasmo de alguns funcionários com a retomada da atividade. A passagem por outras pousadas que margeiam a Estrada Parque Pantanal, voltadas sobretudo para o turismo ecológico, revelou, entretanto, outro cenário. Observou-se aí um número reduzido de turistas, e em entrevista com alguns proprietários a informação era a de que estavam recebendo poucos turistas e os que chegavam eram principalmente brasileiros, de haver tímida e gradativa retomada de fluxo de estrangeiros. Eles informaram que durante a pandemia dispensaram os funcionários sem vínculo empregatício – o que no cenário pantaneiro é a grande maioria – e os que trabalhavam na pousada havia menos tempo. Ficaram apenas os funcionários mais antigos e, mesmo assim, para manter as despesas básicas, tiveram que vender parte dos bens, principalmente automóveis particulares e vans. Alguns pensaram em tomar algum tipo de empréstimo, mas o cenário negativo não lhes deu confiança suficiente para a contrair dívidas. Assim, adiaram muitos planos de reforma e novas construções que tinham em perspectiva antes da pandemia.

Em conversa com o motorista de uma das pousadas visitadas ele informou que durante a pandemia foram feitos serviços de manutenção e pequenas reformas no estabelecimento, porém, nada muito expressivo ou dispendioso. Além disso, confirmou a informação de que o turismo de pesca não parou completamente,

tendo funcionado de forma bastante reduzida. No entanto, conforme relatou, o ecoturismo foi muito afetado, sobretudo, por depender, em grande medida, de público estrangeiro.

Em duas das quatro pousadas visitadas uma das formas de amenizar os impactos econômicos foi arrendar parte da terra para fazendeiros vizinhos, que utilizaram as pastagens para a criação bovina. Nas duas pousadas contabilizou-se a presença de 8 turistas durante as visitas de campo, entre eles, quatro estrangeiros. Notou-se também que a maioria deles, agenciados ou não, fazia o tradicional roteiro Bonito e Pantanal, tal como preconiza os pacotes vendidos pelas agências regionais. Tal constatação pode levar a pensar na retomada do turismo baseado nesse roteiro, que tende a favorecer a recuperação do turismo no Pantanal. Contudo, os dados relativos ao retorno da atividade turística em Bonito indicam que, apesar de ser roteiro comum, não se tratava de prática generalizada naquele momento da retomada, pois, no Pantanal, o fluxo de turistas apesar de ter retornado, ainda estava bem abaixo da média, enquanto em Bonito, o retorno superava as expectativas.

Esses dados corroboram as hipóteses de Cruz (2021), para quem na retomada e no futuro do turismo, havia a possibilidade de viagens de finais de semana e feriados serem realizadas por meio de deslocamentos mais curtos e intrarregionais, sendo menor o número de viagens de longas distâncias. Tal tendência indica, segundo a autora, que lugares ou segmentos mais dependentes de turistas originários de países e regiões longínquas seriam mais afetados pela perda de fluxos. E isso se confirmou mesmo com a tendência pela busca de destinos que propiciam experiências mais próximas à natureza (Siqueira, Muller & Silva, 2022; Silva, Borges & John, 2022), como é o caso do ecoturismo no Pantanal. Ocorre que, apesar dos bons resultados com a vacinação terem sido positivos e favorecer a retomada do turismo no estado, no segundo semestre de 2021, o Pantanal ainda sofria com as queimadas. Isso fez com que alguns turistas brasileiros que acessaram a região no período comentassem que foram visitar o Pantanal antes que ele deixasse de existir.

Ainda que esse prognóstico se mantenha e o ecoturismo no território pantaneiro aponte para o cenário de alguma regressão do setor, cabe observar que, às campanhas do governo estadual pelo incremento do turismo regional, veio a se somar, em março de 2022, a reprise da telenovela Pantanal, produzida pela Rede Globo de televisão, que teve enorme audiência em todo o país. De acordo com o Sebrae (2022), a partir desse momento houve incremento expressivo, em torno de 80%, nas buscas e informações pela visitação à região, principalmente às cidades de Miranda e Corumbá (Sebrae, 2022), tendo a novela contribuído para a retomada gradual do ecoturismo na região, o que pode vir a se confirmar como uma tendência.

6. Considerações Finais

A partir dos dados apresentados, é possível compreender que a pandemia de Covid-19 trouxe prejuízos econômicos aos empreendimentos e aos trabalhadores do setor turístico no Pantanal sul-mato-grossense. Nas regiões mais dependentes economicamente do turismo houve um volume maior de fechamento de empresas e, conseqüentemente, maior número de demissões. Em algumas regiões pantaneiras, em decorrência da seca histórica, das queimadas, e da pandemia, esse conjunto de fatores criou um cenário caótico, de instabilidade e insegurança e escancarou a vulnerabilidade de muitas comunidades ribeirinhas dependentes do setor turístico.

Apesar de leis federais, estaduais e de políticas públicas como o Auxílio Emergencial e as campanhas de auxílio ao setor turístico pelo governo estadual, vários fatores de ordem prática e burocrática dificultaram o acesso da população aos benefícios, o que acabou por colocá-la diante do dilema de trabalhar para conseguir se manter ou se isolar, visando a proteção à saúde.

Em razão da falta de alternativas aos trabalhadores do setor turístico e da falta de fiscalização, a paralisação das atividades do setor, principalmente o segmento da pesca, no Pantanal, foi relativa. Houve, nesse período, uma redução substancial do contingente de turistas e até mesmo mudanças no perfil das pessoas que buscaram a região. A retomada desse segmento significou o retorno de muitos empregos diretos e indiretos, reduzindo os danos econômicos dos trabalhadores a ele vinculados, evidenciando também que as políticas públicas destinadas a reduzir os impactos econômicos negativos, a despeito de sua importância e urgência, não foram suficientes e efetivas para manter empreendedores e empregados em isolamento social completo e seguro.

O turismo de pesca, majoritário na região, apresentou gradativa melhora já no segundo semestre de 2020, mas a permissão a tal retorno antes mesmo de ter início no Brasil a campanha de vacinação e justamente em um período de aumento de casos, expôs as populações vulneráveis ao risco, quando deveriam ter as suas necessidades básicas supridas, conforme a Lei 14.021 (Brasil, 2020). No ano seguinte, 2021, quando da liberação do turismo pós crise pandêmica, as expectativas em torno da reabertura da pesca eram das mais altas na região, sinalizadas pelo elevado número de reservas de hospedagem.

O turismo na cidade de Bonito, de forma semelhante, retomou superando as expectativas em 2021. Esse panorama não se repetiu no segmento do ecoturismo no Pantanal, o que era de se esperar, considerando que o roteiro das águas em Mato Grosso do Sul compreende visitação casada ao município de Bonito e ao Pantanal. Nesse último, o incremento do turismo de apelo ecológico tem se mostrado mais conservador, sobretudo pela dependência do público estrangeiro, mas também, não se pode descartar, pelo flagelo das queimadas, cujas imagens amplamente divulgadas nas mídias e redes sociais tendem a contribuir para o desestímulo à visitação. De modo geral, em Mato Grosso do Sul, decorrente das campanhas do governo estadual, houve aumento do turismo interno e até a mudança no perfil dos turistas, com mais brasileiros praticando turismo no território pantaneiro.

Os dados aqui apresentados e analisados resultam de pesquisas realizadas por agências independentes e por ONGs, bem como de pesquisa etnográfica, com trabalho de campo na região do Pantanal do Abobral e da Estrada-Parque Pantanal. A ausência de dados mais consistentes e abrangentes acerca do turismo na planície pantaneira acabaram por limitar o alcance e a precisão da análise. Nesse sentido, é importante apontar para a pouca atenção dedicada pelo estado ao estudo e controle da atividade na região. O Observatório do Turismo de Mato Grosso do Sul tem lançado relatórios trimestrais sobre a atividade no estado, mas esses documentos apresentam dados concretos apenas relacionados ao município de Bonito. É urgente, nesse sentido, que pesquisas recorrentes sejam realizadas nas outras regiões turísticas do estado, a fim de que, entre outros aspectos, seja possível identificar problemas e propor soluções fundamentadas ao turismo como um todo no estado.

Referências bibliográficas

- Araújo, A. P. C. (2006). Pantanal: um espaço em transformação (Tese). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Banducci Júnior, Á. (2006). Catadores de iscas e o turismo da pesca no Pantanal mato-grossense. Editora UFMS.
- Bortolotto, I. M., Amorozo, M. C. de M. (2012). Aspectos históricos e estratégias de subsistência nas comunidades localizadas ao longo do rio Paraguai em Corumbá-MS. In *Pantanal: territorialidades, culturas e diversidade*. Editora UFMS.
- Cruz, R. de C. A. da. (2020). O evento da Covid-19 e seus impactos sobre o setor turismo: em busca de uma análise multi e trans-escalar. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, 14 (4), 1–15. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/raoit.v14n4.6636>
- Ikeda-Castrillon, S., et al (2023). The Pantanal: a seasonal neotropical wetland under threat In Brinkmann, R. The palgrave Handbook of global sustainability. Palgrave Macmillan.
- Moretti, E. C., Ribeiro, M. A. (2012). *Pantanal/MS/BRASIL: A construção de novas geografias*. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/01-M-Ribeiro.pdf>
- Novais, A. L., Moretti, E. C., Oliveira, J. A. de., Gonçalves, K. B., Ribeiro, M. A. (2021). Turismo e a pandemia de Covid-19 em Mato Grosso do Sul. In *Turismo em tempos de Covid-19: ensaios sobre casos na Argentina, Brasil, Moçambique e Portugal*. FFLCH/USP. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/627/558/2112>
- Oliveira, J. A. de., et al (2024). Vigilância participativa: caminhos para a Saúde Única no Pantanal e na fronteira oeste. *Saúde em Debate*, Disponível em: <https://saudeemdebate.org.br/sed/article/view/8759>
- Oliveira, J. Á. de., Novaes, A. L., Moretti, E. C. (2021). Consequências da pandemia da covid-19 para o setor de turismo na região Bonito/Serra da Bodoquena. *Caderno Virtual de Turismo - Tempespaço*. ISSN 16776976. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1981>
- Oliveira, M. S. de. (2017). *Estrada Parque-Pantanal e o conhecimento tradicional das comunidades locais na potencialização do desenvolvimento territorial*. Universidade Católica Dom Bosco. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1017722-dissertacao-marcelo-de-oliveira-silva.pdf>
- Pinto, R. (2020). Luzes e sombras: notas para um balanço crítico da antropologia do turismo. *Ilha: Revista de Antropologia*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/74175>
- Ribeiro, M. A. (2018). Trabalho e turismo no Pantanal/MS: olhares para a comunidade do Passo da Lontra. *Entrelugar*. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/8889>
- Ribeiro, M. A., Gonçalves, K. B., Oliveira, J. A. de. (2021). Turismo no Pantanal/MS: entre a pandemia da covid-19 e as queimadas. *GEO Uerj*. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/61341/38624>
- Rodrigues, A. B. (2011, November 6). Lugar, não lugar e realidade virtual no turismo globalizado. *Revista Do Departamento de Geografia - USP*. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/53705>

- Silva, D. L., Borges, V de P. C., John, E (2022). Análise netnográfica dos impactos do Covid-19 no turismo do Brasil. *Pasos*, v. 20, n. 3, p. 601-614. Disponível em: <https://ojsull.webs.ull.es/index.php/Revista/article/view/3094/1677>
- Silva, J. dos S. V. da., Abdon, M. de M. (1998). Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab/article/view/5050>
- Siqueira, E. B., Muller, L., Silva, T. L (2022). Tecnologia e sustentabilidade: caminhos do turismo pós-pandemia. *Augustus*, v. 31, n. 58, p. 159-172. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaagustus/article/view/955>
- Urry, J. (1996). *O olhar do turista : lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Sesc.
- Vargas, I. A. de. (2001). A gênese do turismo em Bonito. In *Qual Paraíso?: turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal*. Editora UFMS.

Notícias e divulgações oficiais em sites

- Amiden, I. (2020, March 27). Ecoa envia carta a autoridades sobre a situação das comunidades do Pantanal frente a COVID-19. Retrieved December 29, 2022. Disponível em Ecoa website: <https://ecoa.org.br/ecoa-envia-carta-a-autoridades-sobre-a-situacao-das-comunidades-do-pantanal-frente-a-covid-19/>
- Amiden, I. (2021, March 30). Plataforma de informações sobre a Covid-19 no Pantanal. Retrieved December 29, 2022. Disponível em Ecoa website: <https://ecoa.org.br/plataforma-de-informacoes-sobre-a-covid-19-no-pantanal/>
- Araújo, D. (2021, July 22). Fundtur MS lança campanha “Meu Estado, Meu Destino” para promover o turismo regional. Disponível em Turismo MS website: <https://www.turismo.ms.gov.br/fundtur-ms-lanca-campanha-meu-estado-meu-destino-para-promover-o-turismo-regional/>
- Araújo, D. (2021, July 29). Campanha que promoveu o turismo de pesca no MS durante a pandemia ganha prêmio internacional de criatividade. Disponível em Turismo MS website: <https://www.turismo.ms.gov.br/campanha-que-promoveu-o-turismo-de-pesca-no-ms-durante-a-pandemia-ganha-premio-internacional-de-criatividade/>
- Agência Brasil. (2020, November 11). Governo lança conjunto de medidas para retomada do turismo no país. Retrieved December 29, 2022. Disponível em Agência Brasil website: <https://ms.abrasel.com.br/noticias/noticias/governo-lanca-conjunto-de-medidas-para-retomada-do-turismo-no-pais/>
- Brasil. Lei nº 13.982, de 2 de abril de 2020a. Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, para dispor sobre parâmetros adicionais de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de elegibilidade ao benefício de prestação continuada (BPC), e estabelece medidas excepcionais de proteção social a serem adotadas durante o período de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19) responsável pelo surto de 2019, a que se refere a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. , (2020^a).
- Brasil. Lei nº 14.021, de 7 de Julho de 2020b. Dispõe sobre medidas de proteção social para prevenção do contágio e da disseminação da Covid-19 nos territórios indígenas; cria o Plano Emergencial para Enfrentamento à Covid-19 nos territórios indígenas; estipula medidas de apoio às comunidades quilombolas, aos pescadores artesanais e aos demais povos e comunidades tradicionais para o enfrentamento à Covid-19; e altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, a fim de assegurar aporte de recursos adicionais nas situações emergenciais e de calamidade pública. , (2020b).
- Ecologia & Ação, E. (n.d.). *Crise Sanitária e Ambiental para as comunidades locais do Pantanal*. Retrieved from <https://ecoa.org.br/wp-content/uploads/2020/11/ecoa-covid-pantanal.pdf>
- Enfoque MS, R. (2021, September 4). Com apoio e investimentos no setor, turismo de MS já mostra retomada positiva no feriado. Disponível em Enfoque MS website: <https://www.enfoquems.com.br/com-apoio-e-investimentos-no-setor-turismo-de-ms-ja-mostra-retomada-positiva-no-feriado/>
- Fernandez, K. (2021, August 24). Governador lança campanha promocional do Turismo e reabertura do “Incentiva +MS.” Disponível em Diário MS News website: <https://diariomsnews.com.br/noticias/destaques/governador-lanca-campanha-promocional-do-turismo-e-reabertura-do-incentiva-ms/>
- Fundação de Cultura MS. (2021, June 28). Em ato histórico, pacote “retomada ms” destina 78 milhões para a área cultural. Disponível em: <https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/em-ato-historico-pacote-retomada-ms-destina-78milhoes-para-a-area-cultural/>
- Fundação de Turismo MS. (2021, July 20). Cadastro para o programa Incentiva + MS Turismo começa nesta quarta-feira (21) e vai até o dia 08 de agosto. Disponível em: <https://www.turismo.ms.gov.br/cadastro-para-o-programa-incentivams-turismo-comeca-nesta-quarta-feira-21-e-vai-ate-dia-08-de-agosto/>

- Fundação Oswaldo Cruz. (2021). Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Nota Técnica: *Covid 19 e queimadas na Amazônia Legal e no Pantanal: aspectos cumulativos e vulnerabilidades*. Disponível em: <https://climaesaude.iciet.fiocruz.br/sites/climaesaude.iciet.fiocruz.br/files/notaqueimadascovidnovo.pdf>
- Folha de S.Paulo. (2021, January 14). Veja como está a vacinação pelo mundo. Retrieved from Folha de S.Paulo website: <https://arte.folha.uol.com.br/ciencia/2021/veja-como-esta-a-vacinacao/brasil/>
- Luiza. (2021, May 25). Ecoa atua no enfrentamento à COVID-19 no Pantanal. Retrieved December 29, 2022, Disponível em Ecoa website: <https://ecoa.org.br/ecoa-atua-no-enfrentamento-a-covid-19-no-pantanal/>
- Mato Grosso do Sul. Decreto nº 15.391, de 16 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas temporárias a serem adotadas, no âmbito da Administração Pública do Estado de Mato Grosso do Sul, para a prevenção do contágio da doença COVID-19 e enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (SARS-CoV-2), no território sul-matogrossense.
- Gazeta News. (2021, February 12). Turismo de pesca esportiva volta a aquecer e Estado mantém cota: um exemplar e cinco piranhas - A Gazeta News. Disponível em A Gazeta News - Portal de Notícias de Amambai e região website: <https://agazetaneuws.com.br/noticia/estado/160710/turismo-de-pesca-esportiva-volta-a-aquecer-e-estado-mantem-cota-um-exemplar-e-cinco-piranhas>
- Observatório do Turismo de MS. (2020a). *Impactos da covid-19 no setor turístico de Mato Grosso do Sul: meios de hospedagem, agências de viagem, atrativos turísticos, eventos, guias de turismo, locadoras de veículos, transportadoras turísticas, restaurantes e similares*. Disponível em: http://www.observatorioturismo.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/Relat%C3%B3rio_Sondagem_MS_copilado_Covid19.pdf
- Observatório do Turismo de MS. (2020b, May 15). Pesquisa do Perfil do Turista de Pesca de MS 2019. Disponível em Observatório do Turismo de MS website: <https://www.observatorioturismo.ms.gov.br/pesquisa-do-perfil-do-turista-de-pesca-de-ms-2019/>
- Rocha, M. (2020, August 31). Campo Grande fecha agosto com pico de mortes diárias por coronavírus em MS. Disponível em Jornal Midiamax | Notícias de Campo Grande e MS website: <https://midiamax.uol.com.br/cotidiano/2020/campo-grande-fecha-agosto-com-pico-de-mortes-diarias-por-coronavirus-em-ms/>
- Sebrae. (2023, march 21). Pantanal se destaca com novela e gera oportunidades no ecoturismo. Disponível em Sebrae website: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/pantanal-se-destaca-com-novela-e-gera-oportunidades-no-ecoturismo,760dd51c3bb81810VgnVCM100000d701210aRCRD#:~:text=O%20remake%20da%20novela%20Pantanal,do%20Mato%20Grosso%20do%20Sul.>

Notas

- ¹ De acordo com o documento “Ecoturismo: orientações básicas” do Ministério do Turismo (2010), ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações. É importante lembrar que embora no Pantanal muitos empreendimentos turísticos se enquadrem neste segmento, há uma grande discussão a respeito de sua efetividade, já que nota-se que os estabelecimentos não seguem a rigor todos os critérios relacionados principalmente à preservação do meio ambiente para assim se denominarem. Cf. (Moretti, 2006; Ribeiro, 2014; Moretti & Ribeiro, 2012).
- ² Iha Ínsua, região territorial do município de Corumbá, distante 36 horas de barco da área urbana da cidade – localiza-se na divisa de Mato Grosso do Sul com Mato Grosso e fronteira com a Bolívia.
- ³ Os catadores de iscas, ou “isqueiros”, como também são conhecidos na região, são pessoas pobres que, sem perspectivas de trabalho nas pequenas cidades pantaneiras, se aventuram nas baías da planície em busca de pequenos peixes e crustáceos usados como isca para comercializá-los com intermediários ou diretamente com os turistas. Cf (Banducci Junior, 2006).
- ⁴ Os catadores de iscas, ou “isqueiros”, como também são conhecidos na região, são pessoas pobres que, sem perspectivas de trabalho nas pequenas cidades pantaneiras, se aventuram nas baías da planície em busca de pequenos peixes e crustáceos usados como isca para comercializá-los com intermediários ou diretamente com os turistas. Cf (Banducci Junior, 2006).
- ⁵ Cadastro de prestadores de serviços turísticos do Ministério do Turismo é um cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor do turismo e com ele, pode-se ter acesso aos programas do governo federal destinados ao setor.
- ⁶ Cadastro de prestadores de serviços turísticos do Ministério do Turismo, é um cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor do turismo e com ele, pode-se ter acesso aos programas do governo federal destinados ao setor.
- ⁷ Festival internacional de criatividade sediado em Portugal dedicado exclusivamente a premiar, homenagear e debater os mercados publicitários e de comunicação dos países de língua oficial portuguesa.

Recibido: 03/01/2023
Reenviado: 30/06/2024
Aceptado: 01/07/2024
Sometido a evaluación por pares anónimos